

Radio 13.5.61  
 Quadrante I  
 "A Transição"

## Conversa de compra de passarinho

**E**NTRO na venda para comprar uns anzóis, e o velho está me atendendo quando chega um menino da roça com um burro e dois balaios de lenha. Fica ali, parado, esperando. O velho parece que não o vê, mas afinal olha as achas com desprezo e pergunta: "Quanto?" O menino hesita, coçando o calcanhar de um pé com o dedo de outro: "Quarenta". O homem da venda não responde, vira a cara. Aperta mais os olhos miúdos para separar os anzóis pequenos que eu pedi. Eu me interesso pelo coleiro do brejo que está cantando. O velho: — Esse coleiro é especial. Eu tinha aqui um gaturamo que era uma beleza, mas morreu ontem; é um bicho que morre à toa.

Um pescador de bigodes brancos chega-se ao balcão, murmura alguma coisa; o velho lhe serve cachaça, recebe, dá o trôco, volta-se para mim: "O senhor quer chumbo também?" Compro uma chumbada, alguns metros de linha. Súbitamente êle se dirige ao menino da lenha:

- Quer vinte e cinco pode botar lá dentro.
- O menino abaixa a cabeça, calado. Pergunto:
- Quanto é o coleiro?
- Ah, êsse não tenho para venda, não...

Sei que o velho está mentindo; êle seria incapaz de ter um coleiro se não fôsse para venda; miserável como é, não iria gastar alpiste e farelo em troca de cantorias. Eu me desinteresso. Peço uma cachaça. Puxo o dinheiro para pagar minhas compras. O menino murmura: "O senhor dá trinta..." O velho cala-se, minha nota na mão:

- Quanto é que o senhor dá pelo coleiro?
- Fico calado algum tempo. Êle insiste: "O senhor diga..."
- Viro a minha cachaça, fico apreciando o coleiro.
- Não quer 25 vá embora, menino.

Sem responder, o menino cede. Carrega as achas de lenha lá para os fundos, recebe o dinheiro, monta no burro, vai-se. Foi no mato cortar pau, rachou cem achas, carregou o burro, trotou léguas até chegar aqui, levou 25 cruzeiros. Tenho vontade de vingá-lo:

- Passarinho dá muito trabalho...

O velho atende outro freguês, lentamente.

— O senhor querendo dar 500 cruzeiros, é seu.

Por trás dêle o pescador de bigodes brancos me faz sinal para não comprar. Finjo espanto: "QUINHENTOS cruzeiros?"

— Ainda a semana passada eu rejeitei 600 por êle. Êsse coleiro é muito especial.

Completamente escravo do homem, o coleirinho põe-se a cantar, mostrando suas especialidades. Faço uma pergunta sôrna: "Foi o senhor quem pegou êle?" O homem responde: "Não tenho tempo para pegar passarinho."

Sei disso. Foi um menino descalço, como aquêle da lenha. Quanto terá recebido êsse menino desconhecido por aquêle coleiro especial?

- No Rio eu compro um papa-capim mais barato...
- Mas isso não é papa-capim. Se o Sr. conhece passarinho, o Sr. está vendo que coleiro é êsse.
- Mas QUINHENTOS cruzeiros?
- Quanto é que o Sr. oferece?

Acendo um cigarro. Peço mais uma cachacinha. Deixo que êle atenda um freguês que compra bananas. Fico mexendo com o pedaço de chumbo. Afinal digo com a voz fria, sêca: "Dou 200 pelo coleiro, 50 pela gaiola."

O velho faz um ar de absoluto desprezo. Peço meu trôco, êle me dá. Quando vê que vou saindo mesmo, tem um gesto de desprendimento: "Por 300 cruzeiros o Sr. leva tudo."

Ponho minhas coisas no bôlso. Pergunto onde é que fica a casa de Simeão pescador, um zarolho. Converso um pouco com o pescador de bigodes brancos, me despeço.

- O Sr. não leva o coleiro?

Seria inútil explicar-lhe que um coleiro do brejo não tem preço. Que o coleiro do brejo é, ou devia ser, um pequeno animal sagrado e livre, como aquêle menino da lenha, como aquêle burriinho magro e triste do menino. Que daqui a uns anos quando êle, o velho, estiver rachando lenha no Inferno, o burrinho, o menino e o coleiro vão entrar no Céu — trocando, assobiando e cantando de pura alegria.

386 - 19.9.59